O marco/Marco[1] que marca o movimento

Juçara Rech Ortiz[2]
Denise Costa Hausen[3]

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir e compartilhar algumas questões que me interrogavam acerca das marcas, registros e/ou representações simbólicas que se inscrevem no corpo quando da construção dos significados dos movimentos e gestos. Na elaboração destas reflexões, busquei ler autores que propuseram um pensar através da interlocução com a psicanálise, com a estruturação psíquica do sujeito, seu desenvolvimento corporal e suas relações significantes. Partindo da prática e focando o olhar em observações dentro das aulas de Educação Física com alunos com deficiência, dificuldades e transtornos do desenvolvimento, pude perceber que algumas vezes as representações dos movimentos e gestos não estavam nas limitações físicas, e sim na falta de inscrição e desejo. Para tanto, não fui a busca de um contraponto conclusivo, e sim no propósito de questionar sobre as práticas e olhares da Educação, que muitas vezes fragmentam o processo de aprendizagem, não considerando o corpo na sua totalidade subjetiva e expressiva. Mas principalmente considerar que dentro das relações significantes poderão surgir outros "Outros" que ressignificarão as marcas já existentes, sendo um deles o Educador Físico.

Palavras-chave: Sujeito. Corpo. Movimento. Transferência. Psicanálise.

---

1 Analogia entre o substantivo **marco** – baliza, demarcação, marca ou indicação de algum lugar – e o nome próprio **Marco** – um adolescente com deficiência múltipla, atendido por mim –, ponto de partida para colocar em palavras o que me interrogava, não na intenção de escrever um estudo de caso, mas reconhecer o sujeito, o corpo e suas relações significantes.

2 Pós-Graduanda em Psicanálise e Educação pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER).

3 Professora Orientadora, Dra. em Psicologia pela PUCRS e professora no Curso de Pós-Graduação em Psicanálise e Educação, no Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER), membro pleno do CEPdePA.

1 INTRODUÇÃO

"O corpo e os gestos são fundamentais para a formação geral do ser humano. Desde que nasce a criança usa a linguagem corporal para conhecer a si mesma, para relacionar-se com seus pais, para movimentar-se e descobrir o mundo. Essas descobertas feitas com o corpo deixam marcas, são aprendizados efetivos, incorporados."
Esteban Levin

Este artigo tem como propósito colocar ideias que me permitam refletir e dividir alguns questionamentos sobre as marcas, os símbolos, os registros (ou representações simbólicas) que inscrevem no corpo a construção dos significados dos movimentos e gestos – se é assim que essas reflexões poderiam ser definidas.

Com muitas perguntas e uma não idealização das múltiplas respostas que se possa vir a ter, busquei repensar as práticas da Educação Física aliadas a uma interlocução com a Psicanálise, principalmente porque, após longo percurso de trabalho com crianças, adolescentes e adultos com deficiência, transtornos e dificuldades de aprendizagem, achei necessário incluir na minha formação conceitos advindos desta área teórica e prática.

Vivenciar, depois refletir, e finalmente escrever sobre as marcas que marcam os movimentos é dar conta das muitas observações e cenas que se fizeram presentes nestas parcerias educador/aluno e das trocas feitas com profissionais nas equipes interdisciplinares com os quais ao longo dos anos pude conviver, compartilhar olhares distintos, e estabelecer uma correlação de objetivos.

A parceria educador/aluno não teve a intenção de ter e ser uma relação vertical, no sentido de transmitir conhecimento, onde só o aluno tivesse ganhos motores, físicos, afetivos e cognitivos ou só o fizesse para explorar e reconhecer movimentos possíveis, mas, sim, uma relação para aquisição de conhecimento, a partir da liberação do desejo para os dois autores da ação – do aprender e do ensinar. Para tanto, foi necessário não só pensar nos aspectos conscientes, como também privilegiar as vivências simbólicas marcadas também no inconsciente.

Partindo do fazer, na prática, através das inúmeras aulas dadas na Oficina de Educação Física, sejam elas nas Instituições ou Escolas em que trabalhei (FA-

DEM, APAE, ARTE DO SABER)[4], me vi frente ao trabalho com alunos que apresentavam deficiências múltiplas, dificuldades, limitações corporais e simbólicas, assim como transtornos do desenvolvimento. Muitas destas delimitações apareciam expressadas nas representações de seus movimentos, visto que era necessário que na prática pedagógica o aluno recebesse um reconhecimento das pulsões de vida, uma vez que a pulsão só pode ser acessada através de seus derivados. O olhar esteve, em vários momentos, direcionado para o movimento que se fazia presente e nas diversas ocasiões em que o corpo se apresentava muitas vezes paralisado, em completa inércia, não só pelas dificuldades e limitações, e sim pela falta de inscrição e desejo.

Só o corpo foi meu único instrumento de trabalho e reflexão?

Não!!!!

Meu principal instrumento foi o sujeito que é dono deste corpo e de todas as estruturas que o compuseram.

Mas pensando com este propósito, teremos diferentes questões a serem abordadas, que pretendemos expor de forma separada, porém, reconhecendo e construindo as diferenças e os pontos de encontro entre elas. Para tanto, pensaremos o corpo enquanto parte do desenvolvimento de uma criança, e o desejo do Outro enquanto parte estruturante do desenvolvimento de um sujeito, agregando a relação que se constrói entre ambos e sua posterior representação.

2 O CORPO

"O ego é, antes de tudo, um ego corporal."
Freud

Então comecemos a pensar em...

Nominar ou definir o que é CORPO ou vamos nos interrogar ao longo do artigo por reflexões advindas deste campo-tema[5]?

4 FADEM: Fundação de Atendimento de _ Deficiência Múltipla
APAE: Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ARTE DO SABER: Escola de Educação Especial Arte do Saber

5 Spink (2003) apud Hausen (2005). Campo-tema: Campo é o campo do tema; não é o lugar onde o tema pode ser visto, mas são as redes de casualidade intersubjetiva que se interconecta em vozes, lugares e momentos diferentes, que não são necessariamente conhecidos uns dos outros.

Visto que este artigo se sustenta na "interrogação" do sujeito, do corpo e das marcas registradas no inconsciente quando da aquisição dos movimentos e gestos, tem como princípio de pensamento que um corpo não se torna sujeito enquanto não se constituir, sendo este somente um corpo biológico, presente do início ao final da vida. E entre estes dois extremos, do nascimento até a morte, terá se constituído como um eu e será reconhecido pelo Outro.

Levin (1997, p. 28-29) propõe pensarmos sobre isso quando coloca que

> [...] é o Outro que inscreve, nomeando, o nascimento de uma criança. Também é o Outro que inscreve a morte: as tumbas, as lápides e os cemitérios levam uma inscrição, um nome, uma data, uma origem e um fim. Não se inscreve a morte do corpo vivente, do cadáver, mas a morte de um sujeito.

O percurso de reconhecimento do eu se dará, segundo Freud (1930, p. 75), através de um "[...] processo de desenvolvimento que, se não pode ser demonstrado, pode ser construído".

Neste desenvolvimento nominado como processo, o sujeito recém-chegado ao mundo real acessará o universo simbólico ao ter seu eu constituído, reconhecendo-se e diferenciando-se enquanto ele próprio e o outro.

Mas esse processo da representação psíquica do corpo será abordado melhor quando se falar do corpo da psicanálise. Acompanhando um pouco a citação que fez Hausen (2005, p. 127): "A representação corpo é onipresente na história da humanidade, tendo percorrido um bom caminho até chegar ao corpo erógeno da psicanálise".

Logo, podemos partir para pensar corpo enquanto terminologia, onde este apresenta muitos significados e definições, sendo visto e descrito de formas diferentes. Conforme a área de atuação do observador, lhe é conferido um olhar com multiplicidade, pluralidade ou diversidade de expressões. Olhares e definições interligados à dimensionalidade simbólica das representações de diferentes momentos culturais, históricos, geográficos e profissionais.

Recorrendo rapidamente a uma pesquisa bibliográfica para ampliar o pensar sobre o corpo, percebe-se que este sofreu a atuação de expressões referentes

ao momento, sejam elas de valorização ao estético, de repressão, da punição ou da normalização dos gestos e movimentos, na escrita das marcas e dos signos no próprio corpo.

Do latim *corpus,* refere-se, por exemplo, àquilo que tem uma extensão limitada e que é perceptível pelos sentidos, ao conjunto dos sistemas orgânicos que constituem um ser vivo. Mas devemos também levar em consideração a origem da palavra "corpo", do grego *karpós,* que quer dizer fruto, semente, envoltura.

Como proposto anteriormente, buscaremos definições; se trará uma que tenha um olhar mais globalizado, onde o corpo é visto como um todo. Para Morin (2000), deve-se pensar em corpo como um sistema de interação, no qual suas partes só possuem sentido quando relacionadas com as demais e quando as ações existem sempre em função de um conjunto, ou seja, para ele, o corpo funciona como uma engrenagem.

Temos a descrição do corpo perfeito, simétrico, quase matemático, como Leonardo da Vinci (1490) anatomicamente o descreve. Pelo viés da arte, mas em prol da ciência, o corpo do Homem Vitruviano "[...] descreve uma figura masculina nua, separada e simultaneamente em duas posições sobrepostas com os braços inscritos num círculo e num quadrado" (WIKIPEDIA, 2016, documento on-line). Propõe um corpo de proporções perfeitas e de medidas definidas, formatado na régua e no esquadro, onde a composição era definida como um símbolo da simetria básica do corpo humano.

Em Vigiar e Punir, Foucault (2005) define o corpo como algo que aprisiona os condenados, cujos -- - corpos são massacrados através de práticas punitivas utilizadas como instrumento para purificá-los ou lhes "tirar o mal", na intenção de transformá-los em corpos dóceis. Têm como proposição não só aprisionar este corpo exercendo uma coerção dos movimentos e gestos que o deixam ativo, mas sim a intenção de fazer um controle dos elementos significativos do comportamento, tornando o sujeito que habita este corpo "disciplinado".

No uso de *piercings* e tatuagens, nota-se outro tipo de registro; seja na pele e/ou para o olhar do Outro, no alcance em que estas marcas tomam a forma de uma identidade grupal, pois são formas marcadas e desenhadas expostas ao social. Como cita Costa (2010, p. 315): "Aqui se pode assinalar a relação entre corpo e

escrita, como também situar uma base para entender a produção de marcas corporais. O que é inserido no corpo pode ser tomado como um signo do Outro".

O corpo do poder. O corpo do social. Outras acepções ao campo-tema do corpo, muito mais atual e implicado com a cobrança da década de 1980, quando se encontravam pessoas que buscavam uma diferenciação através do corpo. E, em contrapartida, profissionais que direcionavam o olhar sobre o corpo competitivo e de alta *performance.* De fato, neste período, o corpo foi demasiadamente investido de narcisismo, através do "culto do corpo", do abuso nas atividades físicas em academias, excesso de exposição nos *outdoors*, exageradas intervenções nas clínicas de estética, uso indiscriminado de suplementos, vitaminas e cremes, na intenção de melhorar o estético, como também o desempenho corporal. Agregado a tantas exigências de uma construção corporal fálico-narcísica, também foi por meio deste corpo modificado, potencializado, que vieram as frustações e os sofrimentos, os desejos e as incertezas, sucedidos muitas vezes por transtornos psíquicos e questões psicomotoras. Em consequência disso, surgem as dificuldades em se encontrar espaços para incluir as pessoas que apresentassem alguma alteração do padrão exigido incluí-los em atividades físicas.

Ao longo de muitas reflexões, podemos ver que, direta ou indiretamente, o corpo sempre esteve presente, interligado aos contextos histórico-culturais e associado ao contemporâneo, a muitas das problemáticas psíquicas.

Por isso, voltemos à representação psíquica do corpo abordada ao longo do artigo, para pensarmos no corpo pela Psicanálise, onde o corpo biológico passa a ser o corpo erógeno, o corpo pulsional, o corpo do narcisismo até chegar ao eu corporal inserido na linguagem, na representação e na significação.

Para Mandet (1993), o corpo a que se refere a Psicanálise é o corpo enquanto objeto para o psiquismo, é o corpo da representação inconsciente, o corpo investido numa relação de significação, construído em seus fantasmas e em sua história.

A partir da clínica psicanalítica, dos atendimentos de Freud com as histéricas, o corpo a princípio era visto como um corpo adoecido que trazia a dor, o conflito e o sofrimento encobertos pela existência do inconsciente, através dos sintomas refletidos no corpo. Este corpo que sempre esteve no centro da busca pelas questões relacionadas à materialidade e à subjetivação de um sujeito.

Concluindo, o eu corporal, onde o sujeito constituído terá seu eu-imagem representado por sua postura e por seus movimentos. O corpo construído pela alteridade e pela ausência do outro sendo o momento em que o sujeito usará o seu corpo sem o corpo do outro, tendo a satisfação ligada ao movimento corporal – sujeito do corpo autoral.

3 O OUTRO

"A ênfase da psicanálise na questão do desejo talvez seja, da mesma forma, um convite à deriva, ao movimento, posto que o desejo não se localiza ou nomeia, mas se esquiva sempre e ressurge em outra parte."
Tania Rivera

O registro do nascimento e desenvolvimento de um bebê poderá ser narrado de várias formas: pelo viés cronológico, onde existe um tempo sequencial, que vai ordenando os fatos, que vai desenhando o passado, o presente e o futuro; eou pelo descontínuo, que não terá um registro linear, e sim um desenvolvimento pela lógica subjetiva, pela inscrição do Outro, fazendo esse desenvolvimento ser único, sem comparação ou igual a qualquer outro. Sendo, simplesmente, singular.

Cada pessoa constituinte dessa história, desse percurso, seja o cronológico, seja o da lógica subjetiva, terá guardado fatos e acontecimentos, momentos importantes e descobertas, sendo estes denominados registros de memória.

Tal memória não trará somente lembranças dos fatos, mas também marcas psíquicas, emoções, sonhos, fantasias, questões que nem serão conhecidas, registradas no inconsciente, sendo elas as marcas mnêmicas.

Um mundo de significantes se inscreverá através do Outro, seja ele a mãe ou aquele que irá exercer a função do cuidar, amamentar, olhar, nominar, etc., determinando uma presença e ausência para este bebê que acaba de nascer. Onde o desejo do Outro inscreve uma marca simbólica, unificando a ligação entre estes dois tempos existentes.

Esse bebê que nasce sem recursos, sem condições essenciais para sobreviver por si só, vai precisar de alguém que lhe acolha e cuide. Primeiramente, serão os cuidados de ordem biológica, da necessidade, pelos quais a mãe ou seu substituto irá lhe oferecer as ferramentas vitais, intervindo por meio de sons, odores, toques, paladar e, por último, as imagens, visando à satisfação de suas necessidades, criando momentaneamente uma relação de dependência entre o bebê e sua mãe.

Tais sensações e essa primeira relação farão parte de várias redes que irão sustentar a constituição do eu. O bebê vai sendo investido de forma libidinal pelo olhar da mãe, que supõe ser capaz de interpretar os sinais de um corpo que não pertence mais ao seu, mas, sim, a outro corpo – do seu bebê. Segundo Fernandes (2005, p. 91):

> O outro é o polo investidor que vai transformar o corpo biológico em um corpo erógeno. Esse outro seria a condição para que o corpo se torne um corpo próprio, habitado pela linguagem. Isso equivale a dizer que é o investimento libidinal no corpo da criança, realizado por este outro maternal, que, ao tornáa-lo erógeno, permite-lhe o acesso à simbolização.

Vê-se, claramente, que a autora apoia-se em Freud especialmente em seus textos "Projeto para uma Psicologia Científica" (1895) e "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" (1905).

4 OS OUTROS "MARCO" DO MOVIMENTO

"[...] o movimento é a única expressão e o primeiro instrumento do psiquismo. O movimento (ação) pensamento e linguagem são unidades inseparáveis. O movimento é o pensamento em ato, e o pensamento é o movimento sem ato."

Henri Wallon

Ao longo do artigo, construiu-se uma rede de tessituras através dos conceitos do corpo e do Outro, fazendo parte da constituição psíquica de um sujeito. Ao mesmo tempo, se vai em busca de outras marcas significantes que serão inscritas neste psiquismo e se refletem nas expressões e representações dos movimentos e gestos, sendo a minha reflexão disparadora desta escrita.

Os primeiros movimentos do bebê estão inseridos em um diálogo entre o desejo do Outro e os seus próprios movimentos. Neste espaço de diálogo, estarão a princípio os movimentos reflexos ou espásticos, que responderão da mesma forma automática diante de um estímulo e irão desaparecendo quando surgirem os movimentos intencionais transcritos para a linguagem do corpo, presumindo uma inscrição subjetiva dos mesmos.

O percurso da constituição do eu corporal vai surgindo neste espaço aberto, silencioso, presente entre o diálogo dos movimentos reflexos e dos movimentos intencionais, dando início, portanto, ao aparecimento de novas marcas, diferentes posturas, antecedendo os movimentos significantes. Pode-se pensar, então, que o movimento corporal tem sua base alicerçada nesse espaço, no qual Levin (1997, p. 47) propõe ainda que "[...] são estas inscrições, esses traços que fazem da função motora um instrumento do sujeito, com a qual poderá fazer o que quer fazer, dando origem ao funcionamento da motricidade". Seria o desejo transformado em movimento, unindo o esquema motor ao sujeito constituído, ou, segundo o autor, como a origem da "pulsão motora".

Cria-se aí o espaço para que o movimento seja assumido como uma representação social, entendido como parte da cultura, capaz de enunciar a existência de um sujeito que se representa (simboliza-se) no campo do outro.

À vista dos primeiros movimentos e gestos no espaço do social, perceptível e representado para outros "Outro", se amplia a perspectiva do compartilhamento com novos objetos, novos olhares e distintos ensaios que se farão presentes para modificar não somente o que está presente ali, física ou emocionalmente, de forma consciente ou inconsciente, visto que os elementos oriundos da constituição do sujeito, do corpo, da linguagem e da função familiar (do outro materno e paterno), pertencentes a representações primevas, estarão acessíveis para serem ressignificados por outras relações que

produzirão mudanças nesse sujeito em desenvolvimento, deslocando e modificando as marcas já inscritas.

Em "A Dinâmica da Transferência" (1912), Freud tematiza acerca da constituição do psiquismo como um somatório do que é chamado inato associado ao que denominam de vivências infantis, tais vivências oferecidas pelo externo como experiências e marcas em uma subjetividade, ressaltando a possibilidade constante de mudança desse aparelho psíquico à luz do encontro com novos objetos. Privilegia, dizendo não ser do campo da psicanálise o que se refere ao constitucional, e sim o que decorre da relação da pessoa, especificamente da criança pequena, com os atravessamentos e cruzamentos que se abrem na sua história de relações.

O Educador, sobretudo o Educador Físico, é aqui, neste contexto, que me nomeio participante, assim como o terapeuta ou tantos outros profissionais que fazem parte das inter-relações no campo da Educação, constituindo essas novas vivências. As efetivas, ao propor novas cenas para a criança, para o adolescente e, acredito, até mesmo ao adulto, que em espaços escolares ou terapêuticos tenham, como proposta de ensino ou de intervenção, o corpo convocado a participar como parte do processo de interlocução das aquisições, atuando como ferramenta do mesmo.

Nesse papel, o Educador Físico estará representando o ideal de eu para esses sujeitos (alunos), diferente do papel representado pelo terapeuta. Ele será de crucial importância e de total relevância, pois irá desempenhar uma função transferencial e terá introjetado em sua figura, um devir de desejo que talvez ainda não esteja sendo reconhecido no momento da aprendizagem. Novamente, encontra-se presente a demanda do outro, agora a do Educador, remontando através das marcas iniciais, que podem perfazer um momento de angústia, mas também ser outro objeto que reescreva essas marcas, dando um novo significado a elas. Kupfer (2005, p.84) nos faz refletir contextualizando que não há aprendizagem sem relação. "O ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa, a que ensina", e, em muitos casos, é nessa relação que se constrói um vínculo que pode ser 'utilizado' de maneira saudável.

As atividades ou vivências motoras que vão ser usadas por ele poderão fazer toda diferença, pois é dessa nova leitura que irão se unir ao corpo as aprendizagens e a linguagem, ressignificando ou possibilitando novas descobertas. No entanto, essas atividades não devem se caracterizar como momentos prontos e estruturados, devendo partir dos significantes trazidos por aquele que se colocará presente no desejo de saber e aprender, tão bem proposto na teoria freudiana das aprendizagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Criar novos caminhos para surgirem novos movimentos."
Juçara Ortiz

Como considerações finais, gostaria de dizer, antes de tudo, que não há textualmente uma resposta para as várias reflexões aqui propostas, mas sim um interrogar sobre as práticas frente ao processo de desenvolvimento psicomotor e as suas várias correlações. Em razão disso, lembrei-me do que escreve Le Breton (2003, p. 223): "Pensar o corpo é uma outra maneira de pensar o mundo".

Considerando o momento contemporâneo relacionado à inclusão de crianças, adolescentes e adultos com deficiência ou transtornos graves do desenvolvimento, necessitamos das contribuições da Psicanálise, até como condição *sine qua non* nos atendimentos educacionais e/ou terapêuticos daqueles, na possibilidade de se trabalhar não só o sujeito e seu corpo, mas tudo que vem das relações significantes.

Por isso, presumo, também, a necessidade de que faça parte de forma complementar dos currículos de formação, agora pensando nos Educadores Físicos, a questão das percepções sobre a estrutura da constituição do sujeito e o seu desenvolvimento motor. Sendo que essas questões, da estrutura e do desenvolvimento, determinam múltiplos enfoques e propostas ao longo da vida da criança.

Identificamos, ainda, a necessidade de oferecer aos Educadores condições para que atuem na construção do processo de ensino-aprendizagem, em conjunto com outros profissionais, dando espaço para que se percebam frente aos seus

temores, "pré" conceitos, fantasias e anseios, atuando com maior segurança na sua identidade e papel, ampliando a capacidade de escuta e reflexão.

Agora, pensando no sentido das representações do corpo, dos movimentos e gestos, como parte da estrutura e da constituição do "eu sujeito corporal", voltemos um pouco ao percurso do nascimento de um bebê, onde este usa a linguagem do seu corpo para conhecer a si mesmo, para relacionar-se com seus pais, além de usá-lo para movimentar-se e conhecer o mundo. Portanto, é pelo corpo que passam as aprendizagens e, como não temos uma única forma de aprender, é necessário colocar o corpo frente a novas e variadas vivências.

Investindo nestas novas vivências feitas pelo corpo, que deixam marcas que são incorporadas e consideradas aprendizagens essenciais ao longo do desenvolvimento, receberão a ação de novos olhares, indo ao encontro do que propõe Levin (2003), que direciona não mais o "[...] seu olhar num corpo em movimento, e sim num sujeito com seu corpo em movimento" (p. 31).

A partir desta nova concepção, na qual o sujeito se estrutura nas relações com o Outro, abre-se a possibilidade de uma ruptura com a visão fragmentada de sujeito, permitindo uma prática educacional e/ou terapêutica que considere o ser humano como totalidade indissociável, subjetiva e expressiva.

REFERÊNCIAS

COSTA, Ana. O corpo e seus afetamentos. **A peste.** São Paulo, v. 2, n.2, p. 313-321, jul./dez. 2010.

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. (Clinica Psicanalítica).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREUD, Sigmund (1895). **Projeto para uma Psicologia Científica**. In: FREUD, Sigmund. Obras psicológicas completas: publicações pré-psicanalíticas

e esboços inéditos (1886-99). Rio de Janeiro: Imago, 1977. 554 p. (Edição Standard Brasileira, 1).

_____ (1905). Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: _____. **Obras psicológicas completas:** fragmento da análise de um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905). Rio de Janeiro: Imago, 1976. 351 p. (Edição Standard Brasileira, 7).

_____ (1912). A Dinâmica da Transferência. In: _____. **Obras psicológicas completas:** o Caso de Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913). Rio de Janeiro: Imago, c1970. 463 p. (Edição Standard Brasileira, 12).

_____ (1930-1936). O mal-estar na civilização. In: _____. **Obras psicológicas completas:** o futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago, c1969. 326 p. (Edição Standard Brasileira, 21).

HAUSEN, Denise Costa. **Castração: Um conceito Revisitado.** 2005. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

HOMEM Vitruviano (desenho de Leonardo da Vinci). In: WIKIPÉDIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Homem_Vitruviano_(desenho_de_Leonardo_da_Vinci)> Acesso em: 10 jun. 2016.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 2005.

LAZZARINI, Eliana Rigotto; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo em Psicanálise. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** Brasília, v.22, n.2, p.241-250, 2006.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

LEVIN, Esteban. **A infância em Cena**: constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. A criança: do organismo ao corpo. In: **COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP**, 3., 2001, São Paulo. Proceedings online... Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300009&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 6 jul. 2016.

MANDET, E. S. C. La fascinación de los significados: una problemática acerca de la noción de cuerpo en psicoanálisis. **Psicoanálisis con Niños y Adolescentes,** v.4, p. 114-124,1993.

MORIN, Edgar**. Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: UNESCO/ Cortez, 2000.

RIVERA, Tania. **Arte e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 75 p.

The pattern/Marco[6]* that marks the movement.

ABSTRACT

The pattern/Marco* that marks the movement.

This article has the objective to reflect on and share certain questions that I had about the features, registers and/or symbolic representations that are expressed through the body when meanings of the movements and gestures are constructed. For the elaboration of these reflections, I sought to read authors that that proposed thinking through interlocution of psychanalysis, with a psychic structure of the subject, their body development and their significant relationships. Starting with the practice portion and focusing on observations made during Physical Education with disabled students or with difficulties, I was able to notice that sometimes the representations of movements and gestures weren't based on physical limitations, but on the lack of willingness and desire. Therefore, I didn't go in search of a conclusive counterpoint, but with the purpose of questioning practices in Education that often disintegrate the process of learning, not considering the body in its subjective and expressive totality. But mainly considering that significant relationships could initiate other "Others" that will reframe pre--existing patterns, being one of them that of the Physical Educator.

Keywords: Subject. Body. Movement. Transference. Psychanalysis.

6 **Marco**: the noun, Portuguese for pattern, feature, marks, indication of a position. **Marco**: a teenager with multiple deficiencies, attended by me – a starting point to put into words what I questioned, not with the intent of writing a case study, but to recognize the subject, the body and their significant relationships.